

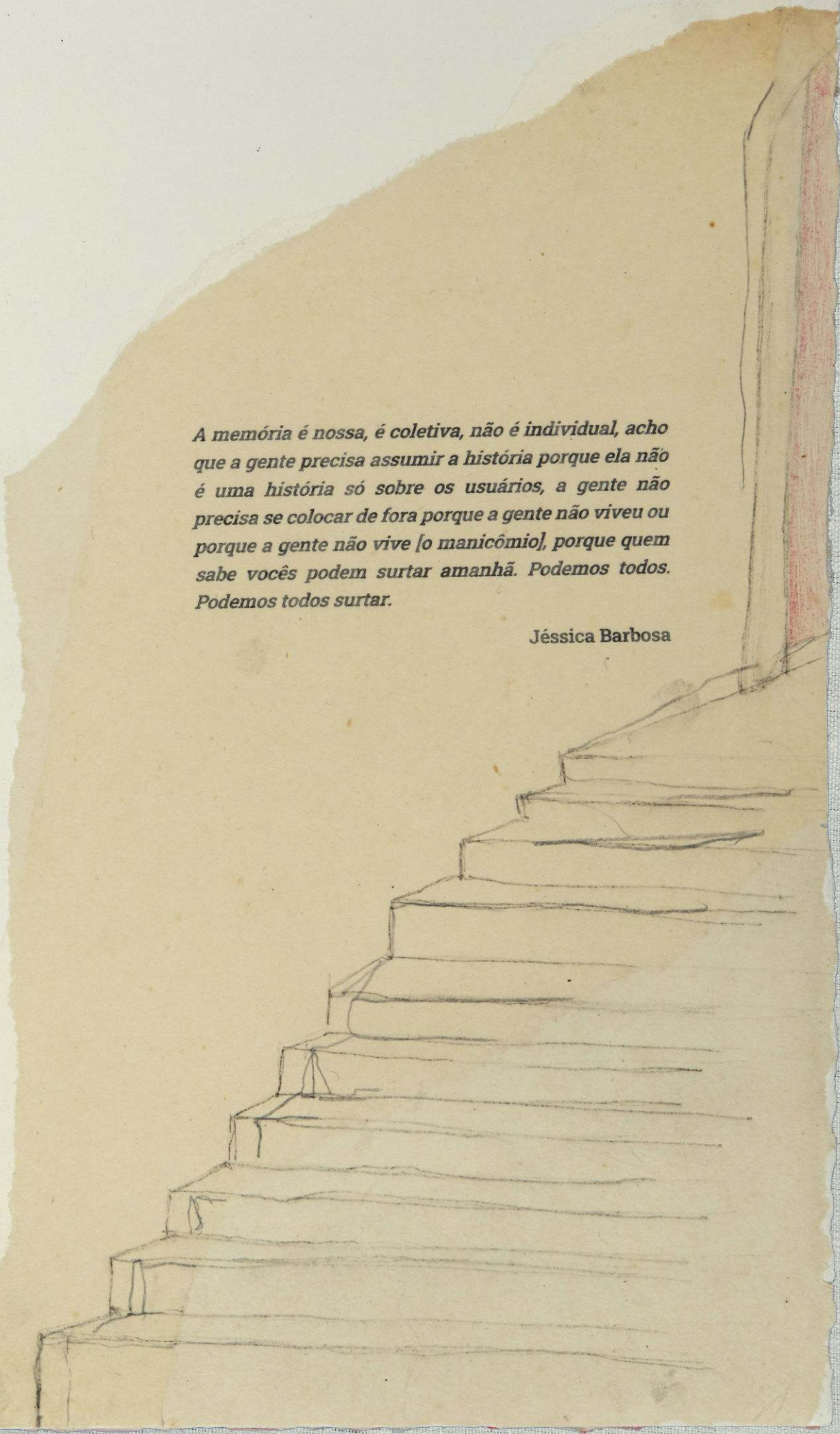
O QUE NÃO PODE SER ESQUECIDO QUANDO O JUQUERY FECHA AS PORTAS ?

POR

CIBELE LUCENA E FLAVIA MIELNIK

A memória é nossa, é coletiva, não é individual, acho que a gente precisa assumir a história porque ela não é uma história só sobre os usuários, a gente não precisa se colocar de fora porque a gente não viveu ou porque a gente não vive [o manicômio], porque quem sabe vocês podem surtar amanhã. Podemos todos. Podemos todos surtar.

Jéssica Barbosa



ALZIRA E O SALA DE



DANÇANDO SAMBA NA COSTURA



Quando entrei para trabalhar na colônia, eu era costureira. A sala de costura era ampla, tinha quatro máquinas e eu fui me adaptando. Minha função era recuperar as roupas que vinham danificadas da lavanderia. Quanta coisa eu fiz, trabalhei que nem gente grande! Às vezes, chegavam blusas com mangas muito longas, eu cortava, com um decote muito grande e eu achava desconfortável, dava um jeitinho, colocava uma preguinha, um botãozinho em cima. Calças vinham com a barra larga, comprida, eu cortava, colocava punho, tudo de acordo com as necessidades deles. Eu inventava moda, eles nunca andavam de qualquer jeito.

Neusa



Alzira era festa junina, carnaval, o mundo dela era dança, ela tem samba no pé. Sete horas da manhã: "Dona Rosa, vamos dançar?". Eu ligava a vitrola e era só alegria. Tinha uma vitrola perto de mim. Lá não tinha vinil, os discos eram todos meus.

Neusa





Ela me pedia: "eu quero um vestido vermelho!". E eu levava de casa, fazia campanha com a vizinhança, depois arrumava, colocava babado para rodar, porque ela gostava de rodar...

Neusa



Aquele corredor comprido, que levava a todos os pavilhões, eu ia descendo a galeria pensando que era meu ritual para encontrar com eles, pensando no que iria ouvir, nas histórias, em quantas pessoas passaram por ali, subiram, desceram...

Paula



CECÍLIA
COLHIA FLORES
TODOS OS DIAS
E OFERECIA
A ALGUÉM





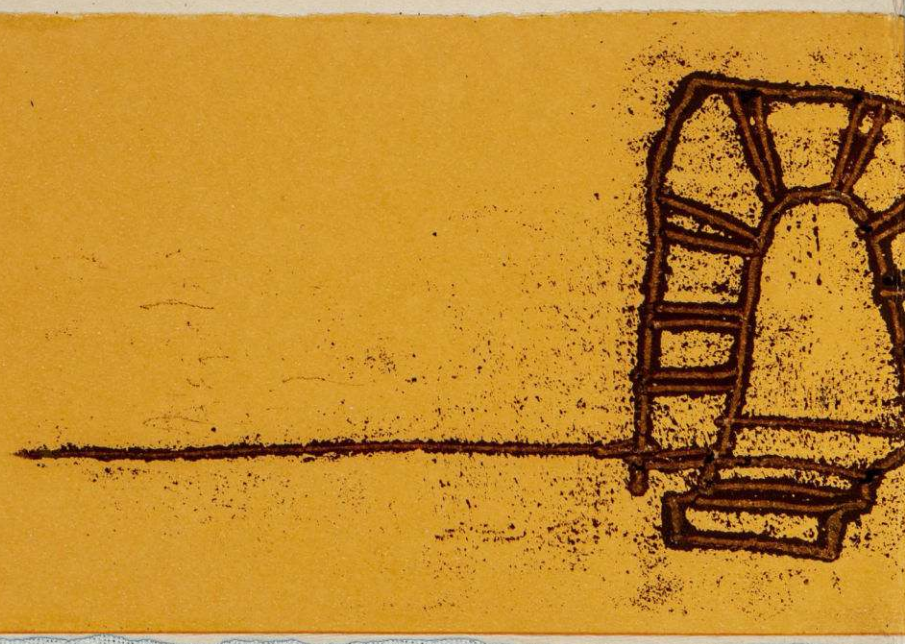
Minha chegada ao Juquery se deu em 1998. Fui conhecer a clínica feminina na qual minha colega Estela, que iniciou no Juquery no mesmo dia que eu, havia escolhido trabalhar. Quando entrei, me vi trancada em um pátio onde estavam muitas mulheres, na maioria nuas, cada uma em sua solidão, emitindo sons que eu não reconhecia como palavras. Muitas vieram ao meu encontro, tocaram em mim, uma delas queria me lamber. Eu, paralisada de horror, de tristeza, nunca havia imaginado conhecer um campo de concentração. Saí de lá desesperada, chorando, peguei carona com a Estela, e mesmo quando o Juquery saiu do nosso campo de visão no retrovisor, sabia que ele ainda existia. Era muito dolorosa essa verificação.

Veridiana



Eu estava com saúde
Adoeci
Eu não ia adoecer sozinha não
Mas eu estava com saúde
Estava com muita saúde
Me adoeceram
Me internaram no hospital
E me deixaram internada
E agora eu vivo no hospital como doente

Stela do Patrocínio

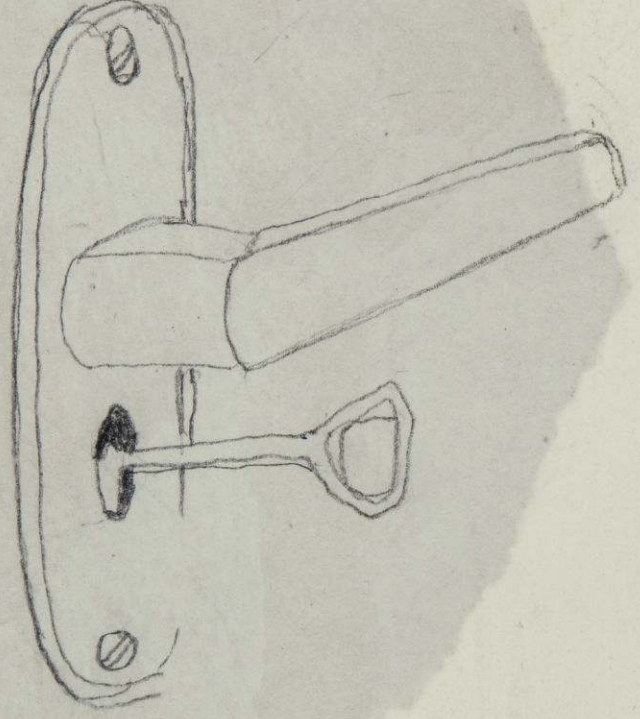




É dito: pelo chão você não pode ficar
Porque lugar de cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo
Pelas paredes você também não pode
Pelas camas você também não pode ficar
Pelo espaço vazio também não vai poder ficar
Porque lugar de cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo

Stela do Patrocínio

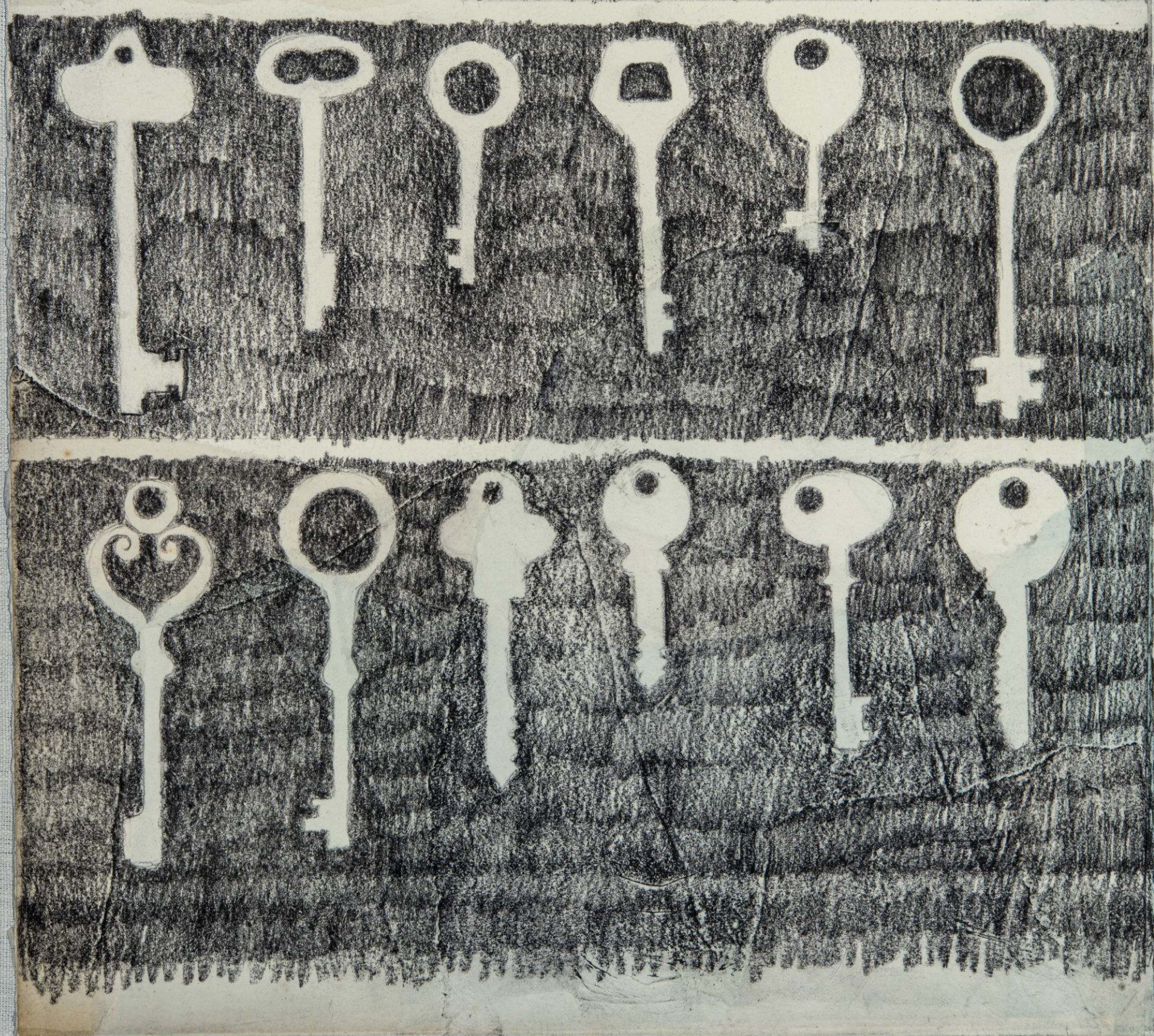


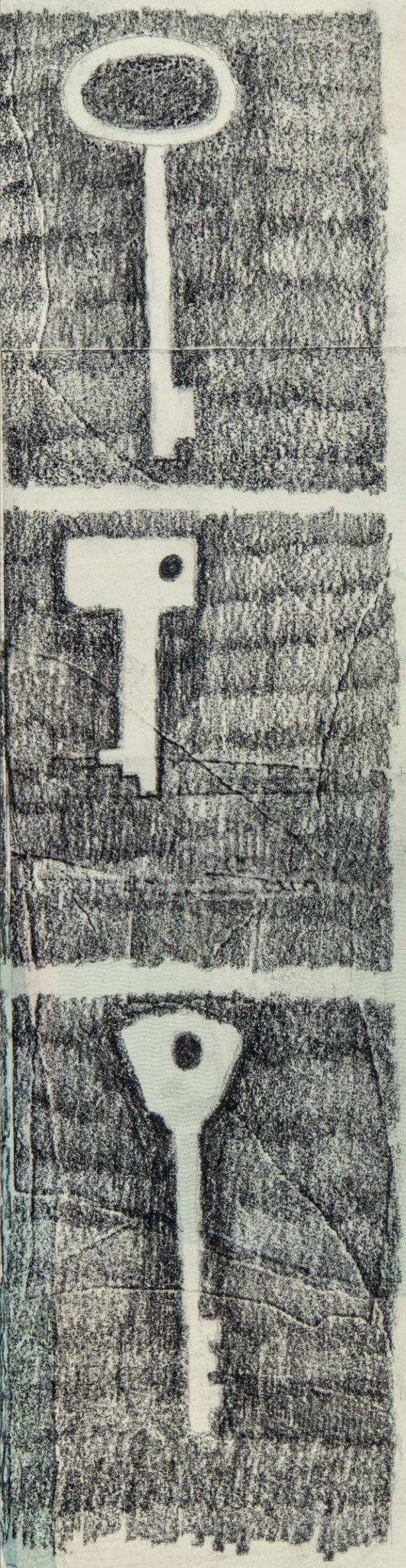


O quarto era muito arrumado. Um dormitório de quarenta leitos, lindo, parecia até engomado, mas os pacientes não tinham direito de usar durante o dia, eram obrigados a ficar no pátio, muitas vezes deitados, olhando para o nada. Um quarto todo arrumado e um monte de gente deitada no chão, olhando para o nada o dia todo, é o tipo de coisa que não aparece na mídia, só quem está trabalhando ali sabe como é.

Marcelo

Todos os funcionários tinham chaves que abriam salas de acesso restrito. Os pacientes-moradores que conquistaram o direito de ter pertences ganhavam também o direito de ter armários com cadeados para guardar suas coisas, bens preciosos. Roupas diferentes, uma bolacha gostosa, um cigarro, um rádio, algo que os diferenciava naquele grupo que dormia no mesmo lugar, um quarto para 20, 30 pessoas que recebiam a mesma comida, comiam na mesma hora, recebiam a mesma roupa, tinham a mesma hora para se deitar e para se levantar, a hora do banho, o mesmo banheiro sem divisórias na privada, por dias, meses, anos.





ERA ALI,
DENTRO DOS
LUGARES
QUE AQUELAS
CHAVES ABRIAM,
QUE O MANICÔMIO
SE FAZIA
MAIS FRACO

E se a gente conseguisse armários para todo mundo? Foi mais ou menos por ali que entendi que só o meu conhecimento técnico recém-adquirido não adiantaria muito, que a coisa era muito mais ampla e complicada. E não faltou quem fizesse a gente desistir, tínhamos problemas de toda ordem, ninguém concordava com a possibilidade de todo mundo ter armário e ter as próprias coisas.

Patrícia

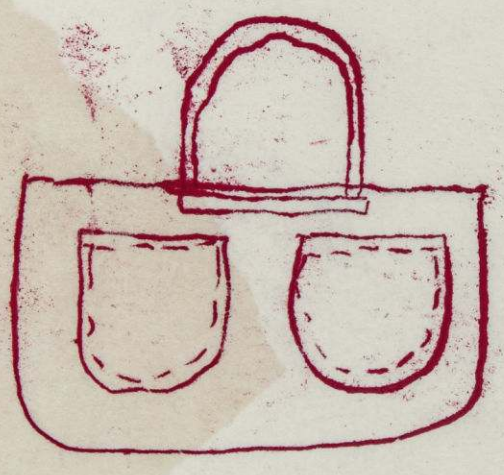


O Joaquim pegava o papelzinho de embalagem e colocava na sacola; o papelzinho de fumo que alguém deu para ele, ele guardava, se apropriava de cada pequena coisa. A Alzira com as canecas: alguém dava uma caneca, ela mantinha dentro da bolsa, não largava por nada, não deixava ninguém lavar, era ela quem cuidava, não deixava nem a gente colocar água para ela. Zira e as bolsas eram inseparáveis, sempre grandes para guardar mais coisas. Alguns pacientes mantiveram formas de ter sua individualidade, mantiveram essa resiliência, essa determinação que, muitas vezes, nem compreendíamos de onde vinha.

Sueli











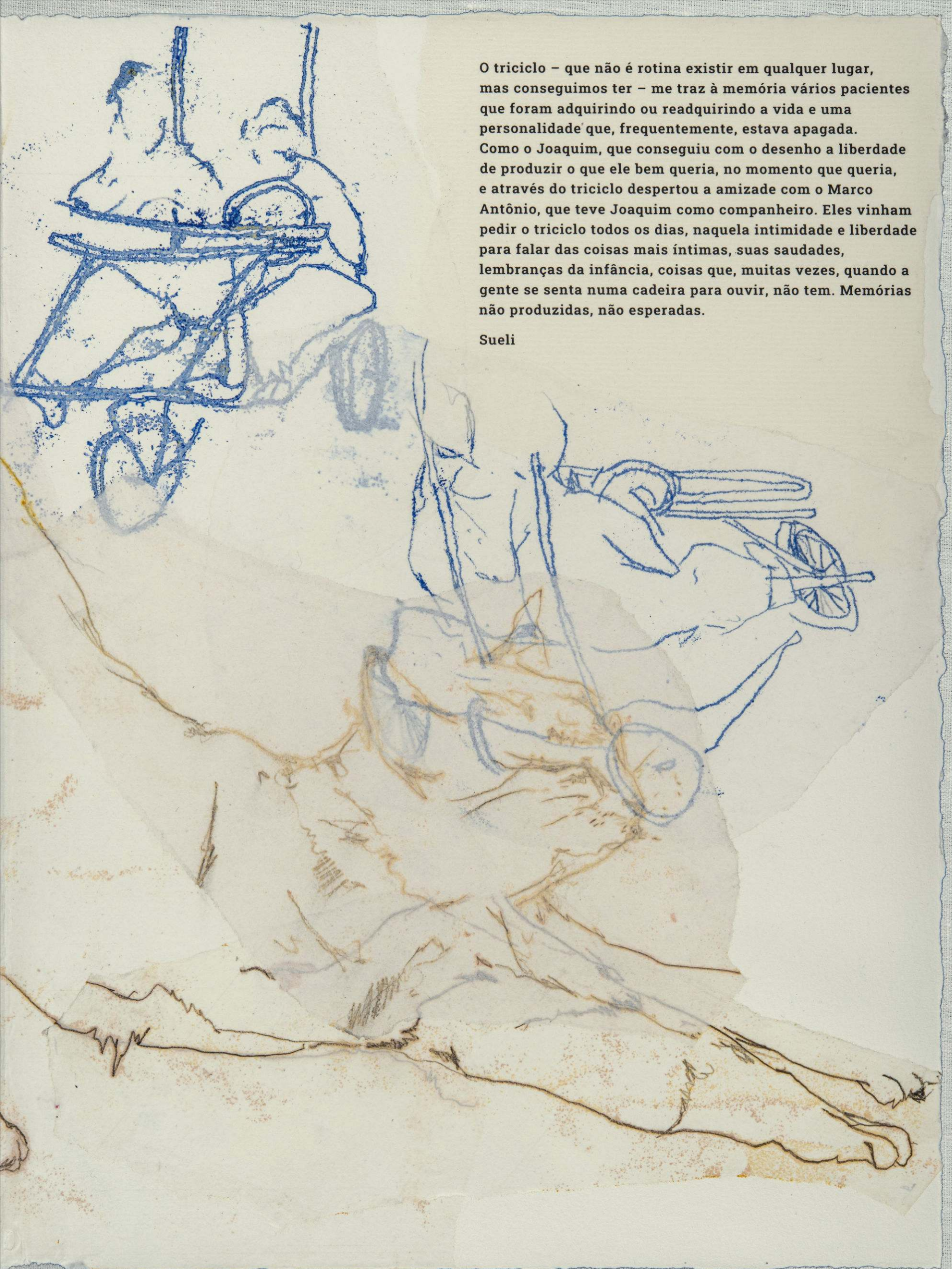


Todos gostavam muito de bolsas e sacolas, era uma coisa muito comum entre eles. Aonde iam, carregavam a bolsa, porque era o único pertence de verdade, era o que eles tinham de pessoal de fato. Eles ficavam muito felizes quando ganhavam uma bolsa nova ou quando a gente conseguia trocar a que tinham. E fico pensando, o que é isso afinal? Acho que nunca vamos ser capazes de apreender o que significa isso: tudo que se tem cabe dentro de uma bolsa. O que é não ter casa, não ter família, não ter história? Porque é isso, quem é que conta a história? Então, eu tinha muito respeito. E eles tinham essa preocupação: "você guarda pra mim?". Às vezes, a gente tirava uma bolsa de uma cadeira para pôr em outra porque alguém ia se sentar, e eles diziam: "não, pera aí!".

Paula

O GATO
TCHUCO
QUE FOI DO
NELSON
E ANTES TAMBÉM
FOI DO WILLIAM
E DO PEDRO

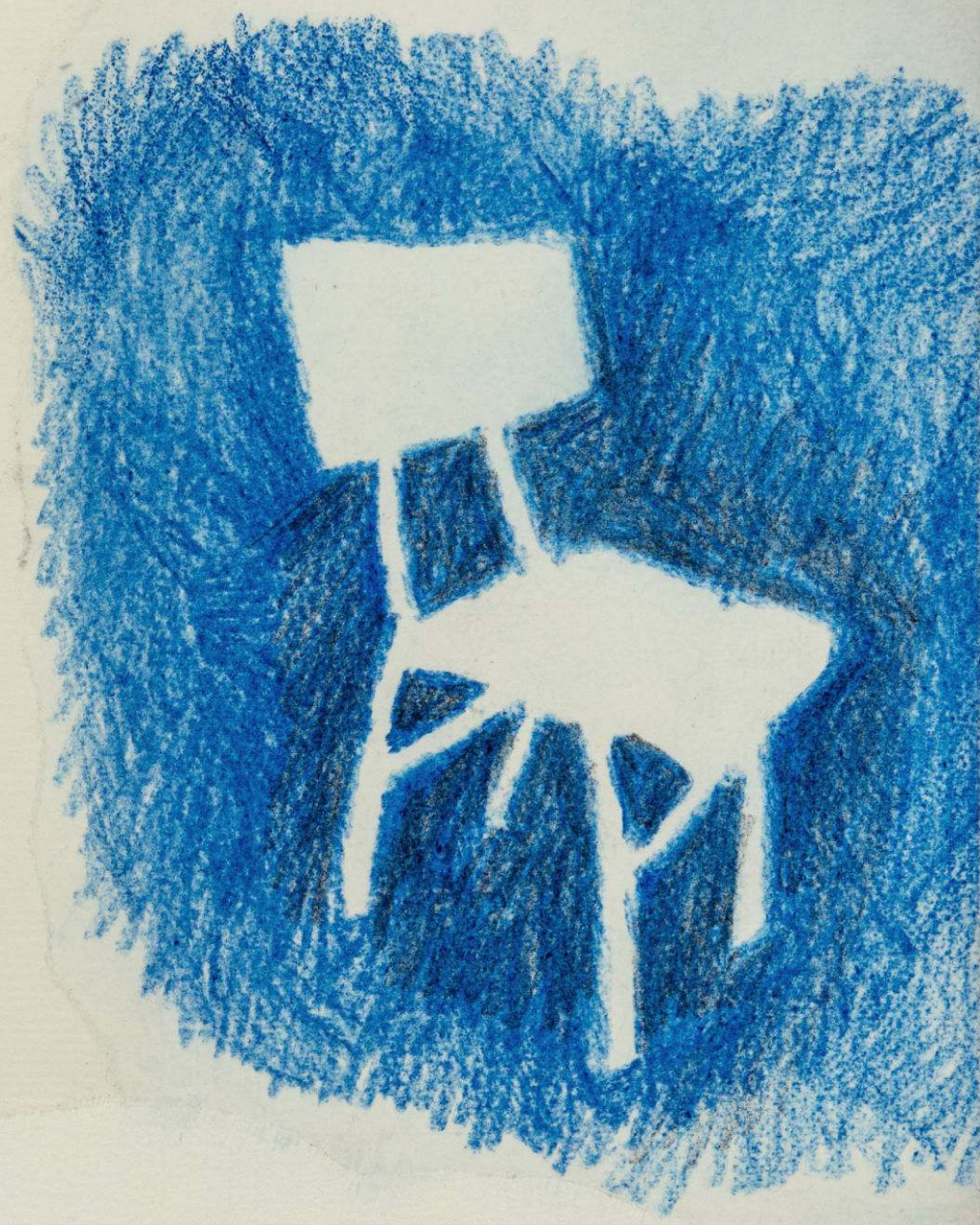


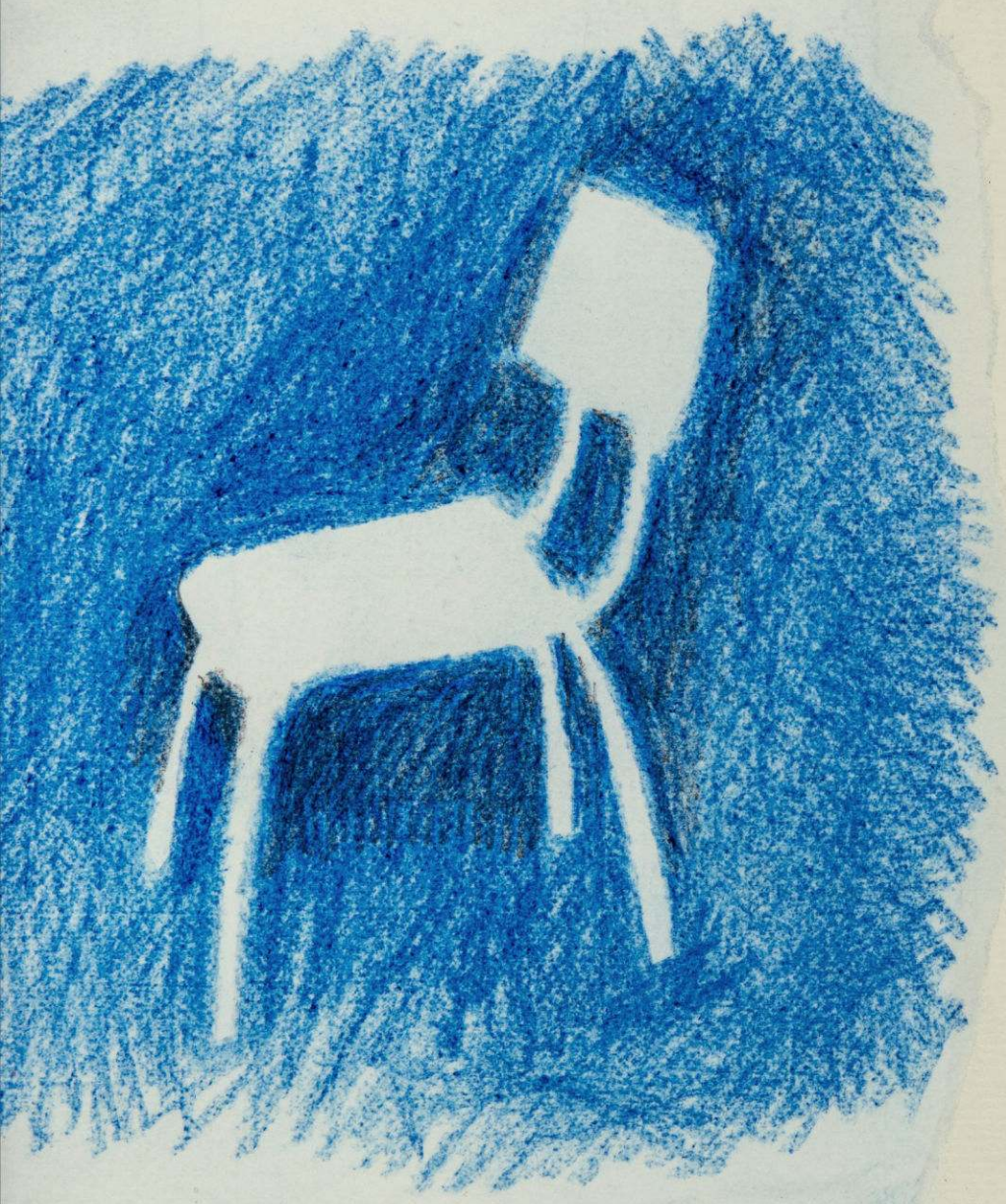


O triciclo – que não é rotina existir em qualquer lugar, mas conseguimos ter – me traz à memória vários pacientes que foram adquirindo ou readquirindo a vida e uma personalidade que, frequentemente, estava apagada. Como o Joaquim, que conseguiu com o desenho a liberdade de produzir o que ele bem queria, no momento que queria, e através do triciclo despertou a amizade com o Marco Antônio, que teve Joaquim como companheiro. Eles vinham pedir o triciclo todos os dias, naquela intimidade e liberdade para falar das coisas mais íntimas, suas saudades, lembranças da infância, coisas que, muitas vezes, quando a gente se senta numa cadeira para ouvir, não tem. Memórias não produzidas, não esperadas.

Sueli

Não havia espaço para a psicanálise *stricto sensu*, mas havia uma psicanalista em formação. Minha posição, diante dos internos moradores, se dava na contramão do que a instituição empregava, e foi a partir desse lugar que começaram meus encontros com eles. Eram setenta homens. Fui apresentada a eles pela chefa do lar, e para cada um fui dizendo que eu teria uma sala e que, quando quisessem, poderiam ir lá conversar comigo. E assim foi. Eu entrava na sala e ficava lá, com a porta aberta, até que comecei a atendê-los através de suas demandas. Um dia, ao chegar, os encontrei em fila, fora do prédio. Perguntei do que se tratava e obtive a resposta de que aquele era o "dia do barbeiro". Perguntei a um deles se queria cortar o cabelo, e ele me respondeu que era o dia do barbeiro. Questionei com a chefa a obrigatoriedade de cortar o cabelo, assim como do corte universal, todos com a cabeça raspada. Ela entendeu, concordou, mas também disse que estava acostumada.





Pensar na inserção do psicanalista no manicômio, instituição hospitalocêntrica, centenária, regida pela lógica biomédica e universal, atravessada pelo abandono, pelo castigo, pelos maus tratos, é pensar na experiência de testemunhar a violação dos direitos humanos. E o que fazer em relação a isso no Juquery? O lugar do psicólogo era protocolar, nossa função era não pensar e executar o que a diretoria determinava. Diante disso, eu e minhas colegas entramos em um discurso histérico, reivindicatório e apontador das faltas do outro, necessário para tentar fazer girar o discurso e para nossa sobrevivência nessas condições de trabalho. Porém, eu temia ficarmos presas nele. [...] Através das nossas reivindicações e apontamentos, pudemos fazer operar pequenos movimentos, éramos porta-vozes da necessidade de oferecer escuta, da importância da construção do caso clínico. Eu acreditava que tínhamos um dever social e ético, e isso fazia com que procurasse o movimento da luta antimanicomial, além de outros dispositivos políticos, onde teríamos voz e poder de transformação dessas práticas. Foi incrível ver as mudanças, no decorrer do tempo, os internos moradores se apropriarem de seus direitos, saírem da escravidão aos imperativos do grande outro, o manicômio.

Veridiana

A Alzira, sempre que se olhava no espelho, falava: "olha, eu fiquei preta, eu não era assim, por isso que eu vim parar aqui. Eu tenho esse cabelo, meus irmãos são todos loiros de olhos azuis e cabelo lisinho...". E não é verdade, mas essa era uma característica muito forte dela.

Sueli

Um paciente nosso que pedia sempre uma família dizia: "procure porque é branquinha como você", e ele também era uma pessoa negra. Ele escreveu para mim e um dos trechos do que ele escreveu era assim: "dizia que dizia que não era mais feliz, dizia que dizia que não era mais normal", não vou esquecer mais essas palavras.

Marcia







Quando Paula chegou, começamos a movimentar um pouco a coisa dos passeios. Ela nos mostrou que aquilo que fazíamos não era passeio, precisávamos levar lanche, usufruir e compartilhar os espaços públicos, isso foi uma conquista. E fomos percebendo com ela que o uso do uniforme reforçava um estigma muito forte, às vezes presente nos olhares das pessoas, que eram discriminatórios. As pessoas se afastavam dos pacientes vestidos com uniforme com a estampa gigantesca do relógio, com o nome Complexo Hospitalar Juquery, amassados, com buracos de cigarro. Paula instituiu que, em todos os passeios, a equipe técnica seria responsável por mobilizar o uso de roupas comuns.

Muitos funcionários foram percebendo a maneira como os pacientes passaram a ser vistos nos locais públicos, restaurantes, teatros, museus, cinema, enfim, nas oficinas externas, parques, em todas as programações que foram sendo feitas. De repente, era um grupo de idosos e não um grupo de loucos do Juquery. Olhares, sorrisos e interações eram diferentes. As pessoas passaram a se aproximar de outra forma e os resultados disso começaram a aparecer, gerou interesse, aumentou a autoestima, foi muito importante esse exercício. Dia de passeio era dia de usar roupa comum. Com isso, vontades adormecidas foram acordadas e também os gostos, já mortificados pelo tempo e pela desistência.



Posso falar de uma coleção de vestidos da Alzira, podemos reproduzir vários aqui: o vestido bege de bolinhas marrom, as roupas pessoais que são diversas e me trazem lembranças, muitas roupas coloridas que ela colocava todas de uma vez, porque todas eram bonitas para Alzira, e ela queria aquele bonito de uma vez só. Maravilha, vermelho, ela amava vermelho e colocava o estampadão em cima, outro estampadão embaixo. Tudo que era echarpe, lenço, coisa para pôr no pescoço, ela chamava de "pulove", e gostava de usar touca, brinco, colar, anéis, pulseiras, gostava muito de se enfeitar.

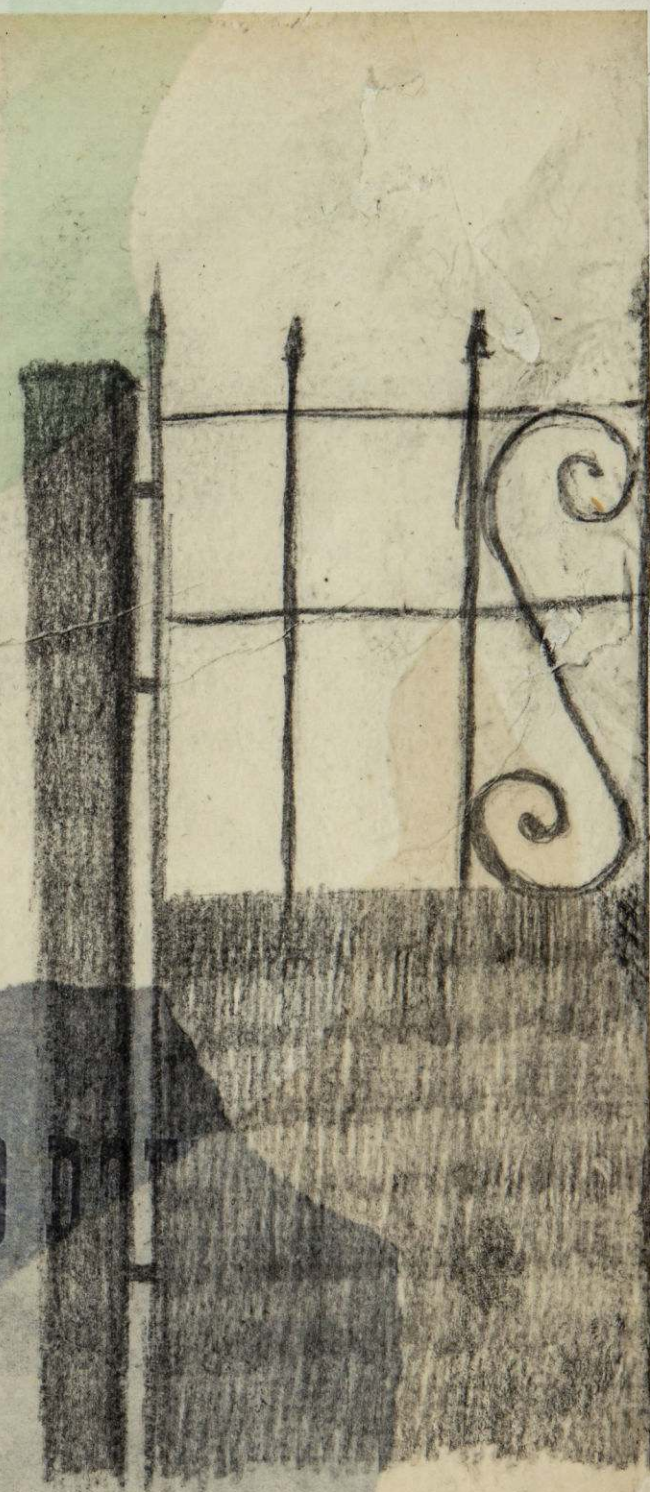
Sueli

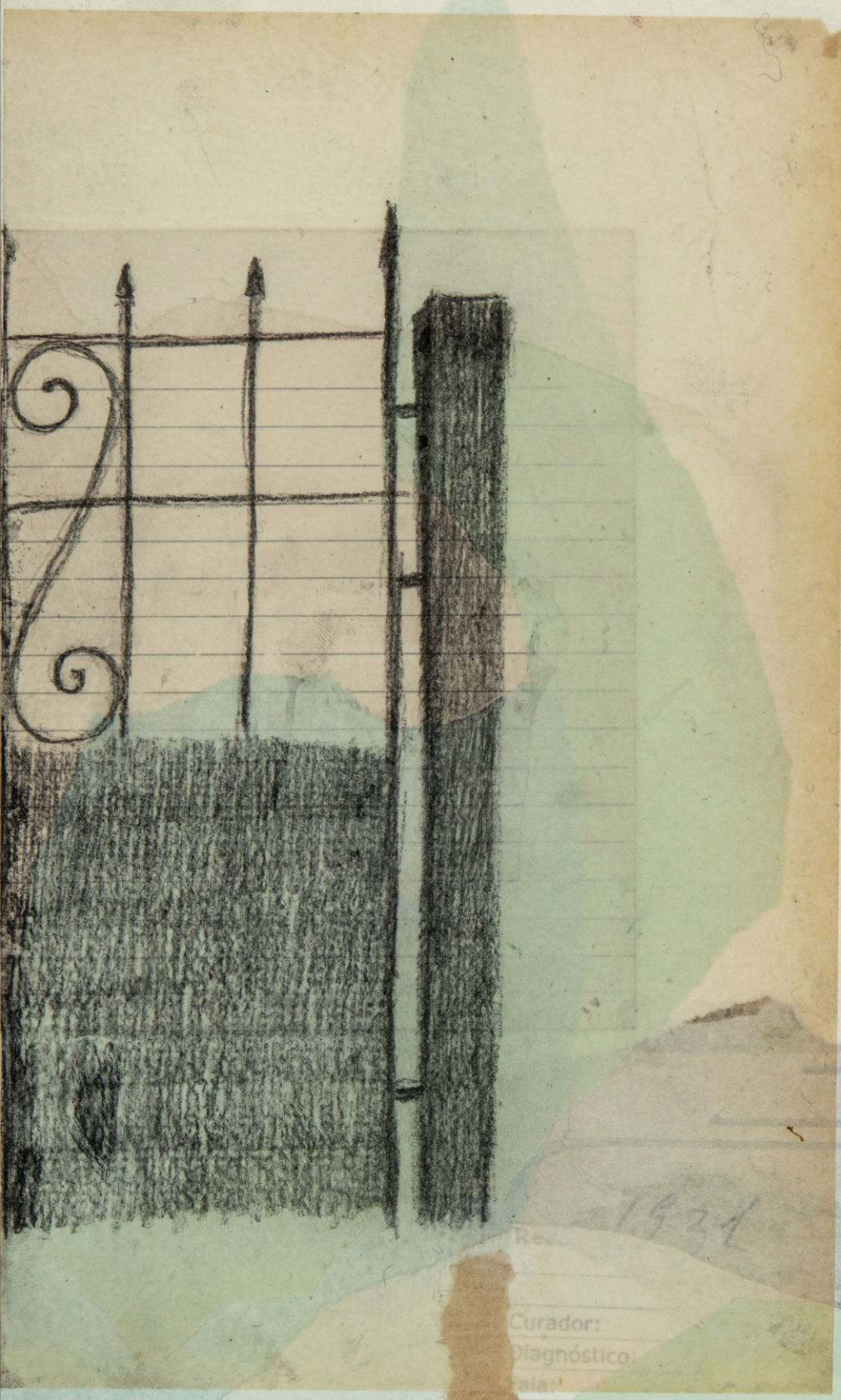




Gosto muito de trabalhar com famílias, essa foi uma vivência importante para mim. Pena que houve momentos que acabaram não sendo fotografados, filmados... Mas essas emoções de família, de que a gente pode resgatar coisas, foram devagarzinho sendo situadas para cada um deles. Se não deu para fazer essa reconexão, ou reviver esse "estou perto de você, sou seu parente, pode contar comigo", foi assim que nós trabalhamos por bastante tempo. E claro, colhemos coisas boas e coisas difíceis, mas tentando essa reaproximação, porque a gente sentia, eu ouvia muito essa necessidade de pertencimento a alguém, e, como eu gosto disso, me envolvi com outras pessoas nesse trabalho de aproximação, contato, de resgate, estar por perto, mesmo que esse perto as vezes demorasse para acontecer.
Às vezes, eles queriam uma família uma vez por mês, e isso não acontecia; a família vinha quando a gente fazia contato, ou num telefonema, mas o que nós conseguimos, as altas inclusive que foram para perto das famílias, foi muito gratificante e significativo.

Márcia





Eu pulei o muro lá umas três vezes e eles pegou eu e amarrou, eles amarrou eu igual um porco, me deu injeção adoidado, tomei nojo do Juquery, por causa disso aí. Gostei mais do Caps, aqui é aberto, não é fechado, aqui a gente vê as ervinhas, a natureza, solzinho, o chuchuzinho ali, pimentinha, ó a vida boa aí. Eu tinha dezoito anos quando entrei [no Juquery], dezoito, não tinha nem barba na cara, era molecão. Eu fiquei uns sete anos lá, quem tirou eu foi a Vera, ela me deu a passagem e eu peguei o ônibus. Ela era uma que ficava lá para tomar conta da gente. Ela tirou eu, venceu meu prazo. Eu saí sozinho, com Deus. Fiquei na Sé tomando pinga ali, comprava carne e fazia churrasquinho na Sé, tomava banho também.

Montanha

Naquele dia, a diretora me sugeriu conhecer um espaço onde internos moradores faziam pregadores de roupas em um projeto que ela dizia ser de reinserção social. Fui acompanhada por uma mulher que conhecia tudo por lá. No caminho, a conversa com ela me entusiasmou, sua história, sua vida, suas escolhas. Lourdinha era incrível, uma artista plástica com um riquíssimo arsenal de obras. Naquele momento, pensei: "tem gente aqui dentro". Quando chegamos na oficina, fiquei impressionada com o lugar: sujo, feio, com um monte de pessoas fazendo movimentos sem nenhum significado, repetitivos, sem vida. Aquele amontoado de pessoas fazendo movimentos repetitivos era visto como um projeto de reinserção social que me foi sugerido conhecer para que eu pudesse pensar na oficina que eu iria montar.

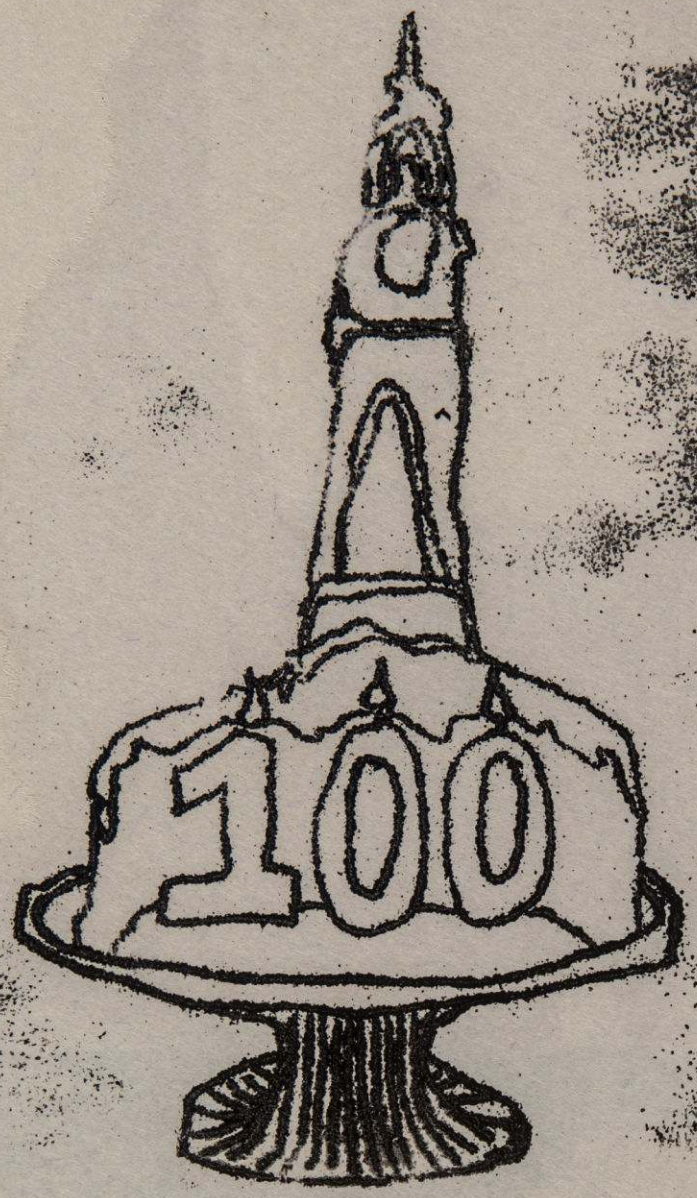
Veridiana





Foi mencionado que o Juquery precisava de projetos de reabilitação psicossocial em consonância com o que estava sendo desenvolvido pela reforma psiquiátrica brasileira. Entretanto, ao mesmo tempo, o que se via era uma organização de todo o complexo hospitalar para a comemoração de seus cem anos de vida, com a presença do secretário estadual da saúde e do governador do estado de São Paulo. Fui logo percebendo que havia uma demanda para que tudo estivesse bonitinho, conforme a ética social vigente, mas somente na aparência, pois o movimento era o de continuar tudo igual, sem mudanças radicais, sem projetos que viabilizassem de fato o fechamento do manicômio e a reabilitação dos internos moradores. No dia da festa, estava tudo lindo, e o que não estava lindo, estava longe dos olhos da comitiva do governo. Mas na hora de cantar os parabéns, escapou: "muitos anos de vida..."; ali tive certeza do que já intuía.

Veridiana


100





Todo esse processo a gente atravessou ali; a coisa do dinheiro público, a contenção de gastos, cortes; chovia nos pavilhões, o dinheiro para reforma não aparecia, aquela coisa do que dá votos e do que não dá votos, tudo isso tem um peso muito grande. A prefeitura não abraça, não quer, empurra com a barriga. Ninguém quer ter "trabalho extra", quer passar para alguém e tocar a vida sem ter essa responsabilidade.

O Juquery tinha uma dimensão monstruosa, e muitos casos que não davam certo em outros espaços, mandavam para o Juquery. Eram casos difíceis mesmo de lidar, de vários tipos. Quando eu entrei, tinha 1600 internos, a unidade para onde eu fui tinha 230 mulheres, não dava nem para conhecer todo mundo, era muito difícil. Imagina você atender sozinho? Isso foi mudando ao longo dos anos...

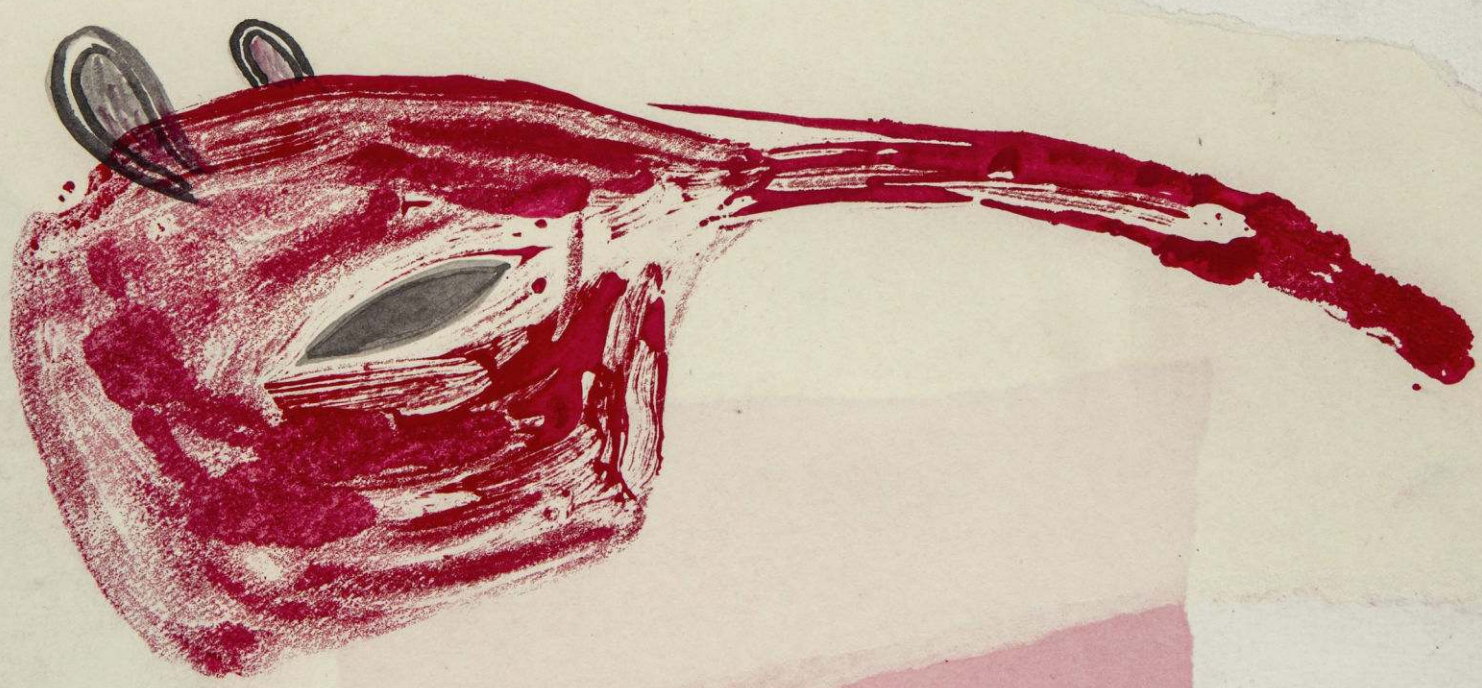
A saúde [aos olhos do poder público] é uma torneira aberta, um gasto. Já faz vinte anos que a lei foi promulgada e é uma responsabilidade que ninguém quer. A Lei n° 10.216 acabou com o hospital psiquiátrico, mudou o sistema de atenção à saúde mental, e os municípios tiveram que assumir, mas não o fizeram. Vinte anos depois da lei, o Juquery ainda tinha moradores, porque os municípios não se adequaram para absorvê-la, para se adaptar a esse novo sistema, que até hoje não funciona como deveria funcionar. Muitos municípios não têm hospital dia, Caps adulto, ou, às vezes, têm apenas um psiquiatra para atender a população do município todo.

Marcelo



TRAZER O CIRCO PARA DENTRO,
FAZER O CINEMA AO AR LIVRE
NA PRAÇA DO RELO'GIO,
UM BAILE DE MÁSCARAS
À NOITE,
O CARNAVAL, A FOGUEIRA
DE SÃO JOÃO,
SÃO EXPRESSÕES DAQUILO
QUE A GENTE QUERIA DIZER









A gente entendia que havia muitos “nãos” dentro do espaço manicomial, dentro da ideia de existência manicomial: não pode tomar banho na hora que quer, não pode comer na hora que quer, não pode fazer uma série de coisas porque você é institucionalizado. Quando a gente dizia "sim", era para a integração das possibilidades de expressão do desejo.

Estela







Eu penso no prédio da reabilitação, um espaço para fazer atividades que eles tinham como referência. Era um porto seguro, porque eles iam, nos procuravam, a gente tinha os materiais... o Joaquim ia o dia inteiro e, no final do dia, tinha uma produção de trinta desenhos, fazia muitas coisas. Esse espaço representa para mim o final do Juquery, um lugar isento de funcionários, de regras, um lugar de liberdade.

Marcelo









Arroz, feijão, suco nunca faltou para eles, mas não era aquela comida gostosa de festa. Bolos, tortas, na festa junina eu colocava o povo para fazer até a decoração, fiz dezenove vestidos e, para os homens, costurei remendo nas calças.

Neusa

CECÍLIA
COLHIA FLORES
TODOS OS DIAS
E OFERECIA
A ALGUÉM



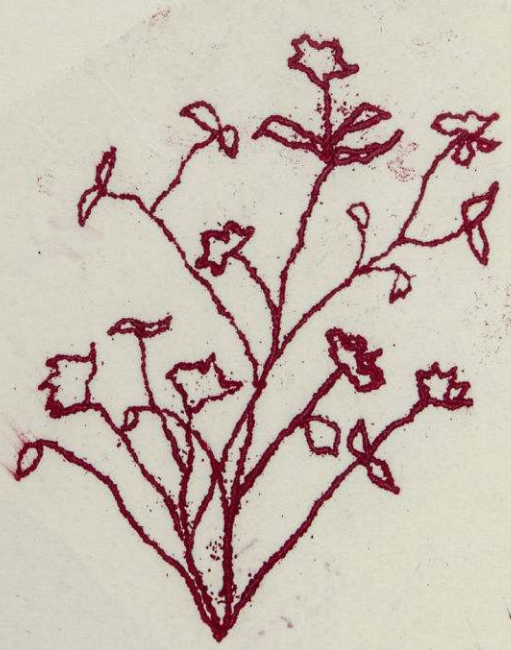


Lembro-me de algumas das várias conversas com Cecília no preparo para sua alta:

— Sueli, sente aqui, vamos conversar.
— Pode falar Cecília, o que você quer conversar?
— Queria falar pra você que não mande nóis embora não, não leve nóis embora, leve outro. Porque se nóis for embora, nóis num é mais nóis. Nóis já tá acostumado no Hospital.

Sueli





O Naná, João Inácio, permaneceu setenta anos no Juquery, foi para lá menino e ficou até quase oitenta anos de idade, quando foi para o município. Ele sempre morou em Franco da Rocha, e mesmo não sendo nascido no município, desejava continuar em Franco da Rocha e foi atendido. Trinta anos de Juquery era pouco tempo, muitos tinham quarenta, cinquenta, então a referência deles era aquele hospital e aqueles funcionários, e perder isso era muito difícil. Ali sabiam como era a rotina, como eram os procedimentos, tirar a pessoa dali e colocar em um lugar onde ela não sabe nada, não conhece nada, assusta. Mas na nossa experiência, a maioria dos que saíram ficaram bem, gostaram e não quiseram voltar, viram que o novo era melhor do que aquele hospital.

Marcelo

O que é ter a vida de 40 anos de internação em 10 volumes de prontuários? A gente tem a obrigação de pelo menos deixar esse registro o melhor possível, porque ninguém mais vai poder contar essas histórias. A gente era guardião de histórias, se a gente não contasse, quem mais contaria? Então, o que não pode ser esquecido é que tinha histórias ali dentro, na grande maioria das vezes histórias de abandono, esquecimento, de sofrimento, histórias de preconceito, de exclusão, de muita injustiça, e a gente tinha a responsabilidade de ser guardião de histórias. Uma imagem importante disso é que, cada vez que tinha visita, a gente pegava todos os prontuários e colocava em cima da mesa, e para mim essa imagem era sempre impactante, aqueles dez, quinze prontuários que eram a história daquela pessoa e que pouco tinham de história, "acordou, calmo e tranquilo, sem intercorrências"; "acordou, aceitou a colação, sem intercorrências". Muitas vezes, eram registros rasos, superficiais e o que não pode ser esquecido do Juquery é que ele era feito de gente, não era feito de parede, não era feito de Ramos de Azevedo. O principal estava lá dentro, atrás das paredes, dentro delas, e isso nunca mais ninguém vai ter. Fico pensando que a gente teve o privilégio de conviver com essas pessoas, de aprender com elas, de ouvir suas histórias.

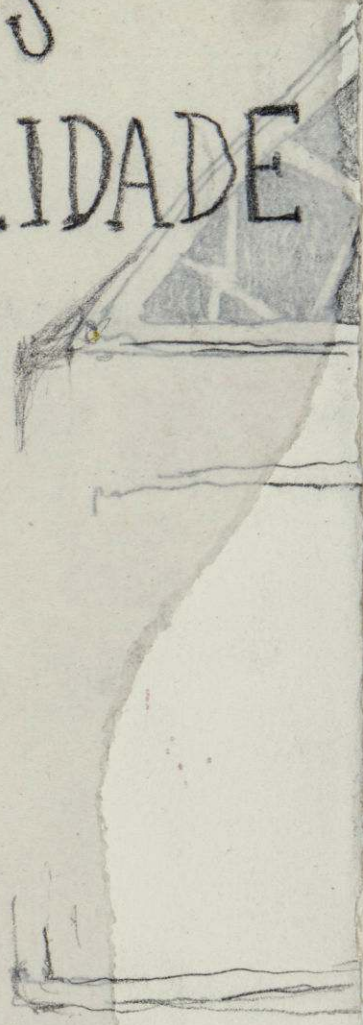
Paula

Acho que o fechamento do Juquery é um símbolo. Ele encerra um ciclo de algo que, já há mais de duas décadas, vem se mostrando inadequado, que é o hospital como moradia. Mas ele precisa ficar vivo para que as pessoas se recordem deste capítulo da história, para que algumas coisas não se repitam.

Glalco

UMA VIDA NÃO CABE EM DEZ VOLUMES DE PRONTUÁRIOS

OS ÚLTIMOS FUNCIONÁRIOS CARREGARAM A RESPONSABILIDADE DE FECHAR UMA HISTÓRIA QUE PRECISAVA SER BEM FECHADA



Houve uma época em que a Neusa começou a criar bolsas, sacolas feitas com tecidos que muitas vezes ela comprava, ou ganhava, recebia de doação, e colocava zíper. Mas, ainda assim, os pacientes saíam para residências terapêuticas, ou mesmo para as famílias, uniformizados, e levavam trocas de uniformes do hospital para começar uma vida nova do jeito velho. Então, comecei a pegar as roupas do bazar para montar as malinhas que a Neusa fazia. Eu chamava o paciente junto com o técnico que tinha mais afinidade com ele, ou levava o paciente até o bazar, disponibilizava algumas peças que poderiam servir, roupas dos passeios também foram sendo introduzidas, e íamos compondo as malinhas.

Eu pensava que, se estivesse fazendo uma pequena viagem, para qualquer lugar, faria uma lista do que precisava para os climas previstos, para uma virada de clima; meu guarda-chuva não poderia faltar, sapato para momentos de informalidade e um para um passeio que poderia surgir. E via os pacientes saindo, levando pequenos pertences dentro de sacos de lixo ou de material contaminado e aquilo me causava um mal-estar muito grande. Eu sempre tirava fotos dos pacientes em suas altas e pensava: gente, a pessoa que está acompanhando a alta desse paciente não pensou na mala? Não pensou que ele está saindo com um saco de lixo?



Fui entrando nesse processo cada vez mais e mais fundo. Nesse último período, que antecedeu o fechamento e acelerou demais [as altas], participei ativamente. Um ano antes desse processo, pensei na compra das malas, porque a Neusa já tinha ensaiado sua aposentadoria, e percebi que não a teria para sempre. Então, solicitei e participei do processo de compra, escolhendo modelos adequados que tivessem uma capacidade boa para que pudéssemos ter um enxoval completo dentro de uma única mala.

Nos dois últimos meses, trabalhei intensamente nos enxovais, levei minha máquina de costura para lá, a Neusa foi convocada – ela já estava aposentada e foi muito colaborativa como sempre, ficou duas semanas nas costuras. Montei uma linha de produção com as bolsas e, na medida em que os pacientes foram sendo avisados de que a alta ia acontecer, enquanto a equipe trabalhava as questões psicológicas, os medos, receios, fui fazendo a minha parte, meio psicóloga, meio costureira, meio fisioterapeuta, levando cada um deles para provar roupas, perguntando se queriam que diminuísse aqui e ali, ajeitando.

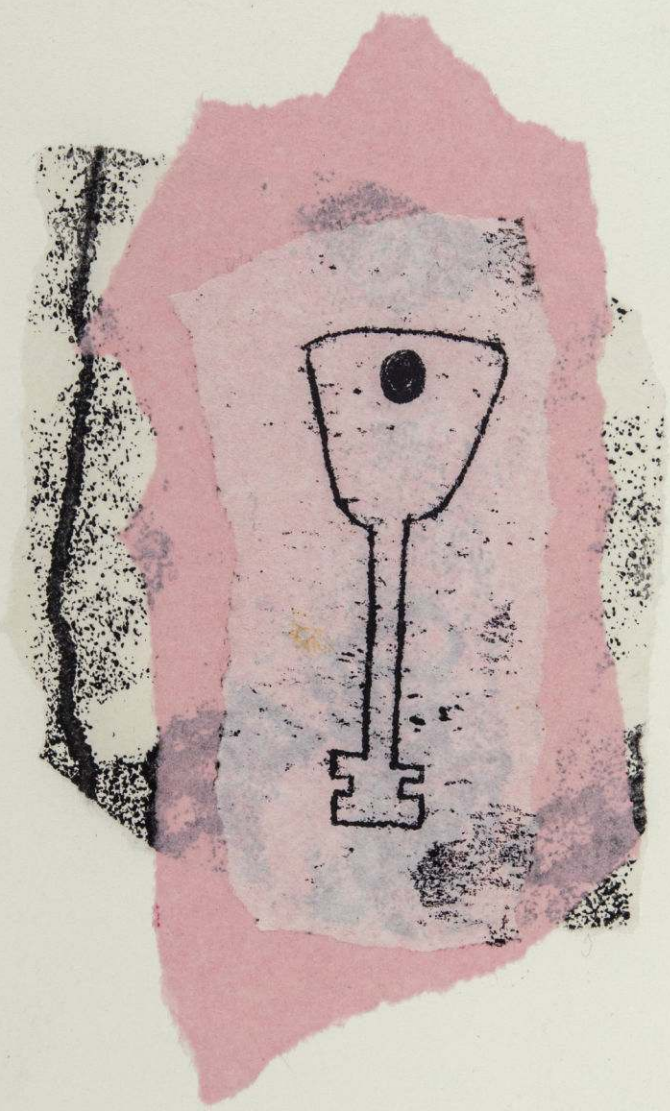
Sueli

Ainda sobre o que não pode ser esquecido, penso que não se pode ignorar que 123 anos de história não podem ser feitos em capítulo único. No decorrer do tempo, foram muitos os Juquerys acontecendo concomitantemente. Assim, houve o triste coabitando com o acolhimento, o isolamento coexistindo com o cuidado, a coerção junto com a escuta, com a ressignificação. Pessoas com todo tipo de perfil, com as mais variadas formas de entender e manejar o cuidado em saúde mental, com experiências diversas. Sempre houve, em todos os tempos, quem tivesse vontade de fazer mais e melhor, e quem quisesse manter o status quo. E penso que, para cada capítulo, talvez uma corrente tenha sobrepujado a outra, trazendo o tom daquele momento. Mas não se pode falar de apenas um lado da história.

Paula

Eu não vou sair do céu para entrar na boca da onça.

Montanha



São Paulo, 12 de agosto de 2021.

Querida Fla,

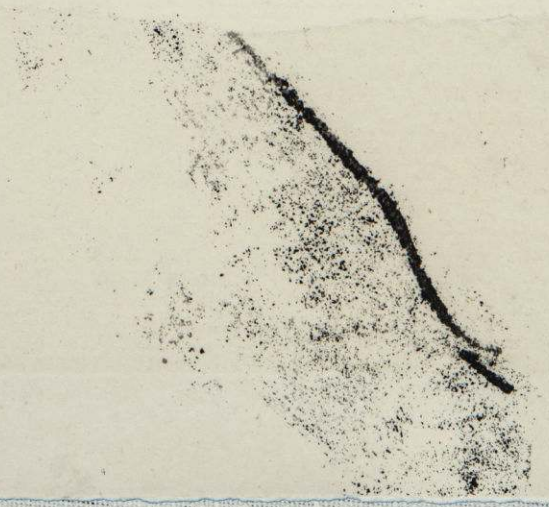
Estava aqui me lembrando do dia em que você me telefonou, em abril deste ano, para me contar que soube pela Paula que uma colega dela havia percorrido brechós à procura de malas que pudessem ser preparadas, arrumadas, para que cada morador saísse do Juquery carregando dignamente seus pertences pessoais. Ficamos um tempo diante dessa história...

Dissemos algumas vezes, uma para a outra, do assombro que o Juquery nos produz, do quanto o manicômio é muito, esse susto diante de sua monstruosidade e 123 anos de funcionamento. E foi através do exato instante do encerramento das atividades da ala de internação que entramos nas memórias guardadas neste livro. Nós começamos pelo final.

Fico com a impressão de que adentramos as malas preparadas por Sueli e Neusa como se adentra um sítio arqueológico, um espaço de escavação, buscando peças, objetos, testemunhos desta história que, aos poucos, foram se conectando, criando relações, abrindo em nós perguntas para escutar o manicômio.

Nosso trabalho foi o de dispor sobre uma mesa, cuidadosamente, cada testemunho que ouvimos, arranjando-os de modo que eles seguissem produzindo no mundo os terremotos que produziram em nós; de modo que pudéssemos percorrê-los como se percorre uma paisagem com buracos, armadilhas, terrenos movediços, subidas e descidas íngremes e úmidas, beiras de rios, sombras de árvores ancestrais e quintais nativos; camadas e camadas de horror e amor que precisam ser registradas antes que se apaguem.

Quando a gente se abre para um processo de investigação como este, que carrega a potência ensinadora da escuta – porque se trata de aprender a escutar para poder aprender com o que se escuta –, muitas coisas se deslocam, são abalos sísmicos. Neste ziguezague movido pelas vibrações de uma escuta que se meteu fundo na terra, recolheu sedimentos até tornar-se irreversível, o trabalho foi surgindo. Num dado momento, isso inclusive me deu uma certa angústia, a sensação de que muitas coisas importantes escapariam – que bom que você me apontou a trilha!



É urgente ouvir as histórias, os corpos e os mundos. O psicólogo Lucas Veiga diz que *conseguir ouvir o paciente implica conseguir ouvir o sintoma que o adoece, ouvir o sintoma para ouvir o mundo que o produz*. E nos lembra que *a expressão "patologias da liberdade"*, de Frantz Fanon, *traz a imagem de que esse adoecimento é índice da denúncia de que a engrenagem colonial, o modo de vida colonial e as violências que atravessam essas subjetividades, é o que produz esse tipo de adoecimento psíquico.*

Li um trecho muito poderoso do Fanon, acerca disso, no livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, vou deixar aqui para você: *Sinto em mim uma alma tão vasta quanto o mundo, uma alma realmente profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tem um poder de expansão infinito. Sou dádiva, mas me aconselham a humildade do inválido...*

Te agradeço pela aventura, amiga, e seguimos em estado de escuta!
Com carinho,

Cibele Lucena

São Paulo, 13 de agosto de 2021.

Querida Ci,

Depois dessa longa jornada, fui buscar um começo.
Descobri que meu começo também estava lá, no final de tudo.
Os começos normalmente me assustam.
Essa coisa enorme da página em branco.
Talvez por isso eu prefira usar papéis velhos e manchados, porque assim não começo uma história sozinha.

Era mês de abril.

Uma onça de 123 anos repousava sobre o pé de um ipê amarelo.
O ranger de uma porta a desperta de um sono profundo.
Com os olhos entreabertos, ela observa, de longe, um grupo de gente ir embora.

O estalo desta porta se fechando abriu em nós o desejo de escutar aqueles que se dedicaram a "fechar esta história bem fechada". O Complexo Hospitalar Juquery encerrava suas atividades de internação permanente.

Aqui em casa, eu abri gavetas. Fui em busca de papéis antigos, coisas que guardei do meu avô. Ele tinha gosto por organizar papéis, pastas e envelopes para escrever cartas, parecia até que ele inventava história só para seguir escrevendo cartas. E eu sabia que esses papéis engavetados aguardavam ansiosos pelo momento em que seriam novamente tocados, dobrados e endereçados a alguém.

No lugar das letras a nanquim do meu avô – que para mim mais pareciam rabiscos de colinas do que palavras que poderiam ser lidas por alguém –, foram chegando as memórias de Dona Neusa, Paula, Sueli, Márcia, Marcelo, Veridiana, Patricia, Estela, Glalco e Montanha, e um fio invisível começou a costurar o que não podia ser esquecido do manicômio mais antigo do Brasil.

Paula disse, em um de seus depoimentos, que "123 anos de história não podem ser escritos em capítulo único" e não podem mesmo. São muitas as histórias – de amor e dor – que escapam destas páginas, são muitas as pessoas que nos ajudaram a entender a complexidade do que acontecia lá dentro – e segue acontecendo fora daqueles muros amarelados –, das lutas, vitórias e derrotas de uma engrenagem que violentamente engolia existências.

Sentar, ouvir e aprender com estas pessoas, que corajosamente trouxeram seus relatos, construiu uma das muitas possibilidades de trajeto que poderiam ser traçados para este labirinto de corredores e paredes descascadas, de tantas e tantas camadas.

E como nos ensina Chimamanda "As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada".

Talvez aquela onça tenha entrado em um sono profundo e me pergunto: com o que estaria sonhando?

Que os bichos que vivem em nós possam seguir livres.
Que entrar em um sono profundo não signifique adormecer feras.
Que cada um tenha o direito de adormecer, sonhar, sem adoecer.

Com amor e agradecimento, para que possamos seguir contando e aprendendo com nossas histórias.

Flavia Mielnik



Criação
Cibele Lucena e Flavia Mielnik

Depoimentos
Estela Mara Rabelo, psicóloga
Glalco Cyriaco, farmacêutico
Marcelo Lopes Macario, psicólogo
Márcia Cristina de Souza Angelotti, psicóloga
Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros, psicóloga
Montanha (José Antônio Gonçalves dos Santos), ex-interno do Juquery
Neusa do Espírito Santo de Oliveira, costureira
Patrícia Buchain, terapeuta ocupacional
Paula Karkoski Pereira, psicóloga e arteterapeuta
Sueli Vieira, fisioterapeuta

Acompanhamento de escrita e revisão de texto
Ana Godoy

Fotografia
Marcos Issa

Montagem da versão digital e tratamento de imagens
Gil Fuser

Encadernação
Diana Lanças

Confecção da bolsa que guarda o livro
Neusa do Espírito Santo de Oliveira

Bordado da bolsa
Felipe Stocco

Versão digital deste livro
www.soylocoportijuquery.com

Agradecimentos especiais
Ana Godoy, Clarisse Rodrigues, Glalco Cyriaco, Helena Forghieri, Jéssica Barbosa, Mateus Torres, Montanha, Paula Karkoski Pereira, Paulo dos Santos e Victor Fisch.

O que não pode ser esquecido quando o Juquery fecha as portas, 2021
Capa e contra-capa em linho e bordado
Miolo em colagem, desenho e pintura sobre papel Canson Edition,
100% algodão, 250 g/m²
33 x 25 cm, 64 páginas
Encadernação manual, lombada aparente
Bolsa que guarda o livro em brim

Essa é a versão digital do exemplar único deste livro.

As conversas gravadas que fizemos ao longo deste projeto, junto com alguns manuscritos, depoimentos em áudio e fotografias que recebemos de pessoas que trabalharam no Juquery, de um ex-interno morador, de pessoas comprometidas com a luta antimanicomial, compõem um acervo vivo de histórias, aqui apresentado parcialmente.

Os nomes das pessoas ex-internas são fictícios.

